

## **Subjetivação no telejornalismo local: estudo de caso da TV Integração<sup>1</sup>**

**Luciana MORAIS<sup>2</sup>**

**Cláudia THOMÉ<sup>3</sup>**

**Universidade Federal de Juiz de Fora, MG**

**Resumo:** A permissão para a emoção evidenciada e o testemunho de jornalistas ficou clara no telejornalismo em rede durante a pandemia (THOMÉ, 2021), em estratégias de criação de laços de empatia com a audiência. O presente trabalho analisa como essa tendência de subjetivação no noticiário se deu no telejornalismo local, mais especificamente no MG1 Zona da Mata, da TV Integração, afiliada da Rede Globo, considerando o efeito de proximidade com o público. Para isso, adota metodologia de Estudo de Caso (YIN, 2001) com abertura de janelas para mostrar a subjetivação em três momentos emblemáticos da cobertura local, em diferentes formatos, em meio ao noticiário da pandemia da Covid-19. A emoção dos jornalistas surge como vivência do fato no mesmo contexto em que a audiência está inserida, agregando informação sobre o momento noticiado e gerando empatia.

**Palavras-chave:** Telejornalismo local; Subjetivação; Testemunho; TV Integração; Pandemia.

### **Introdução**

Antes mesmo da pandemia da Covid-19, Arlindo Machado (2011) evidenciava que a televisão passaria por diversas transformações. Talvez uma das mais significativas da última década e meia, a chegada do sinal digital, possibilitou o telejornalismo dar os primeiros passos no desenvolvimento de novos formatos e produção de novos conteúdos. O pesquisador ainda previa que as plataformas de *streaming* desafiarão a TV e a busca de alternativas para o meio se manter seria o caminho. E foi exatamente o que vimos, neste período pandêmico: a reinvenção das práticas telejornalísticas.

Nos primeiros meses que o número de casos de coronavírus elevavam a curva de pessoas positivadas para a doença e o *lockdown* que mudou a rotina de todo o mundo, o telejornal reforçou seu papel de lugar de referência (VIZEU, CORREIA, 2007) nos lares de milhares de brasileiros e a função de laço social (WOLTON, 2006), além de ser importante na construção da identidade e pertencimento (COUTINHO, MARTINS, 2008) a partir das notícias e seus contextos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação no PPGCOM/UFJF, integrante do grupo de pesquisa Narrativas midiáticas e dialogias. e-mail: luciana.morais@estudante.ufjf.br.

<sup>3</sup> Pós-doutora em Comunicação e Cultura, professora da Facom e do PPGCOM/UFJF, líder do grupo de pesquisa Narrativas midiáticas e dialogias. e-mail: cthomereis@gmail.com.

Pesquisa do Kantar IBOPE<sup>4</sup>, de abril de 2019 a abril de 2020, indica que 82% dos telespectadores afirmaram acompanhar o noticiário na TV e 43% defenderam o telejornalismo como forma rápida e confiável de se informar. Dentre as diversas mudanças em sete décadas de telejornalismo, uma das mais evidentes no modo de produção do noticiário, principalmente nesses mais de dois anos de pandemia, é o uso de *smartphones* e mídias sociais.

O uso das tecnologias por parte dos profissionais já fazia parte da rotina (porém, com menos assiduidade) e as narrativas passavam a ser construídas em várias telas, desempenhando “múltiplas funções no texto das edições dos telejornais” (DUARTE, 2020, p. 138). Nesse sentido, o telejornal imersivo (SILVA, 2017) traz outras conotações para os telespectadores/usuários. Assim que o telejornal termina, há uma continuidade na *web*, tanto por parte da empresa quanto dos profissionais que usam suas redes para registrar os acontecimentos.

Além disso, o telejornalismo entra na pandemia em um contexto em que as narrativas autorais já ganhavam espaço no noticiário e nas redes sociais dos jornalistas, visto que “na era da convergência, o telejornalismo desliza em diferentes plataformas, entre a primeira e a chamada segunda tela, com estratégias para garantir uma audiência que curte, compartilha, comenta e, por vezes, produz algum tipo de conteúdo” (MUSSE, THOMÉ, 2016, p.05).

Segundo Ribeiro e Sacramento (2020) essa manifestação do eu está relacionada com algum tipo de superação:

Os testemunhos tendem a demonstrar as maneiras pelas quais as narrativas do eu estão inextricavelmente ligados a narrativas de superação (ou à jornada rumo à superação). É através desse processo que o eu emerge como um agente ativo, responsável pelo processo de superação por tratar/curar o próprio trauma (RIBEIRO, SACRAMENTO, 2020, p. 69).

Nesse contexto da Covid-19, o MG1 Zona da Mata da TV Integração, afiliada da Rede Globo, traz momentos em que os jornalistas manifestam suas emoções, atribuídas a situações em que a pandemia estava descontrolada, com alto número de mortes, ora em fases que o número de casos da doença são mais amenos. Esses sentimentos mais à “flor da pele” serão analisados a seguir, a partir do discurso dos profissionais.

---

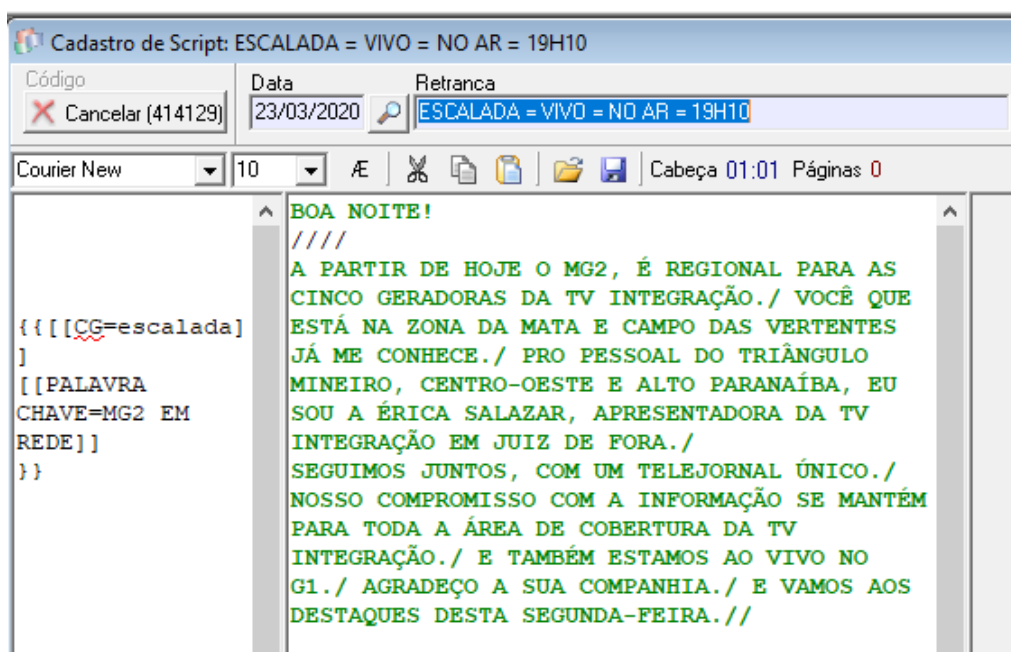
<sup>4</sup> <https://www.abert.org.br/web/notmenu/kantar-ibope-tv-crece-durante-pandemia.html#:~:text=Programas%20esportivos%20e%20de%20audit%C3%B3rio,acompanhar%20o%20notici%C3%A1rio%20na%20TV>. Último acesso em 31/03/2022.

## 2 - Contexto da pandemia: as emoções dos jornalistas à “flor da pele”

A pandemia da Covid-19 impactou imediatamente a vida profissional em todo o mundo. Na linha de frente da informação, organizações de telejornalismo mudaram a rotina de produção da notícia. Uma das medidas para preservar a saúde dos colaboradores foi reduzir o número de pessoas circulando na redação, evitando um colapso de profissionais afastados por conta da doença. A TV Integração, afiliada da rede Globo, com sede em Uberlândia e praças em Uberaba, Divinópolis, Araxá e Juiz de Fora decidiu que naquele momento o telejornalismo seria de forma compartilhada. A praça de Uberlândia ficou responsável por gerar o MG1 para as outras 4 geradoras e Juiz de Fora, o MG2.

Dessa forma, era possível fechar o telejornal com menos profissionais internamente e nas ruas. Durante as aberturas do telejornal, o apresentador reforçava que, por conta do distanciamento social, os telespectadores assistiriam notícias regionalizadas. O “boa noite” do MG2 do dia 23 de março de 2020 apresentado em Juiz de Fora foi diferente:

Figura 1: Script do telejornal do dia 23/03/2020



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Neste período, o número de casos de Covid-19 começou a aumentar em Minas Gerais. A primeira morte<sup>5</sup> no estado foi registrada oito dias depois. Por quase seis meses, o telespectador presenciou na tela da televisão novos rostos, sotaques diferentes, sem perder a credibilidade da informação em um período que o noticiário exibia falta de leitos nos hospitais, aumento no número de mortes, a luta para o desenvolvimento de uma vacina eficaz e as consequências em outras áreas, como a crise econômica. As pautas de cultura e comportamento, que particularmente são mais leves, também estiveram presentes, amenizando o conteúdo sobre a doença.

Nos 70 anos da televisão e telejornalismo no Brasil, novos processos foram incorporados às práticas, e muitas foram as adaptações durante a cobertura da pandemia da Covid-19. Coutinho e Pereira (2020) apontam que “na cobertura de uma pandemia a dor da gente, os saberes do telejornalismo são colocados em evidência, assim como seus valores centrais” (COUTINHO, PEREIRA, 2020, p.252). Nesse contexto, foi possível perceber uma sensibilidade de repórteres ou apresentadores, assim como das fontes, de forma mais acentuada, deixando a emoção mais visível.

### **3 - Janelas de emoção no MG1 da TV Integração**

Devido às orientações de distanciamento social preconizadas pela OMS, a TV Integração realizou uma ação no feriado de Corpus Christi de 2020, em parceria com as diocese de Uberlândia e arquidiocese de Juiz de Fora, que proporcionasse quem estava em casa ou trabalhando vivenciar o momento religioso, que pela primeira vez, não aconteceria de forma presencial. Em Juiz de Fora, um padre sobrevoou a cidade com a repórter Cláudia Oliveira, abençoando os fiéis.

Exatamente a três meses do anúncio que um vírus letal mudaria a nossas vidas, a transmissão não só reforçou a fé, como permitiu que a emoção não fosse contida, como a repórter Cláudia Oliveira (que trabalha na TV na época) reforçou em uma de suas entradas ao vivo<sup>6</sup>, com o apresentador Fernando Matos, que também na época, estava à frente do telejornal compartilhado

Oi Fernando. Foi um trabalho maravilhoso hoje percorrer a cidade ao lado do padre Pierre nessa benção. Eu quero até pedir desculpas as pessoas por muitos momentos eu fiquei muito emocionada, porque a gente tá ali vendo a fé das

---

<sup>55</sup> [https://coronavirus.saude.mg.gov.br/images/boletim/03-marco/30032020\\_Boletim\\_epidemiologico\\_COVID-19\\_MG.pdf](https://coronavirus.saude.mg.gov.br/images/boletim/03-marco/30032020_Boletim_epidemiologico_COVID-19_MG.pdf)

<sup>6</sup> <https://globoplay.globo.com/v/8619397/?s=0s>

peçoas peçoas, inclusive no hospital, né Padre Pierre (fala da repórter Cláudia Oliveira, disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8619397/?s=0s>).

Em outro momento, a repórter explica o porquê de tanta emoção, não só pelo momento de apreensão pela pandemia, mas pelo fato do falecimento da sua mãe e que esse momento de benção, trazia lembranças. Além disso, ela traz para si, os telespectadores que não a acompanham (já que o jornal era compartilhado e peçoas de outras regiões não estavam familiarizadas com ela) e justifica por mais vezes sua emoção

Pra quem me conhece sabe como eu sou, eu sou muito religiosa, a pouco tempo eu perdi minha mãe, que era muito religiosa, então esse momento foi muito marcante pra mim. A gente sente um pouco da, da presença mesmo de deus né, e é isso que é o importante né, reforçar nesse momento a nossa fé. a gente precisa ter fé em um momento como esse, uma pandemia como essa (Fala da repórter Cláudia Oliveira, disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8619397/?s=0s>).

Fernando, eu queria pedir mais uma vez né desculpa, os telespectadores se às vezes eu falei demais, se às vezes eu falei de menos, mas é porque a emoção naquele momento quando a gente tava lá, falou mais alto. Então eu espero que as peçoas de casa, que acompanharam o mg1, que ela pudesse sentir a emoção que a gente tava sentindo (Fala da repórter Cláudia Oliveira, disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8619397/?s=0s>).

Nas últimas duas falas da repórter, a incerteza da pandemia e um momento de perda de um familiar, traz à tona uma narrativa sobre algo que aconteceu na vida da repórter de modo particular. Além disso, o apresentador Fernando Matos, compartilha dos sentimentos expostos pela repórter, como relatado abaixo.

Para Ribeiro e Sacramento (2020), o testemunho traz esse aspecto de curiosidade, um poder revelador de um segredo, “quem diz ‘isso aconteceu comigo’ coloca o corpo no discurso” (RIBEIRO, SACRAMENTO, 2020, 82).

A sua emoção é nossa emoção, como de todos que estão nos acompanhando. as mensagens, inúmeras mensagens chegando das peçoas emocionadas, tocadas por essa iniciativa tão bacana neste mg 1 da Tv Integração em parcerias com a diocese de Uberlândia e também de Juiz de Fora. Fica com Deus. As suas palavras e sua emoção é verdadeira. Então você não tem que pedir desculpa não, porque nós somos seres humanos, apesar de sermos profissionais, também sentimos emoções. Claudinha fica com Deus, brigado e parabéns pelo trabalho e a toda equipe (Fala do apresentador Fernando Mattos, disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8619397/?s=0s>).

A partir da fala do ex-apresentador “*as mensagens, inúmeras mensagens chegando das pessoas emocionadas*”, constatamos que ao longo do jornal, os telespectadores entraram em contato por meio das mídias sociais para a emissora para descrever a sensação que sentiam ao ver a benção, logo “o compartilhamento simultâneo de conteúdos amplifica o sentimento de estar conectado e possibilita a intervenção dos telespectadores nos programas, uma vez que os produtores também podem estar conectados, atentos e assim mudar o rumo das narrativas” (FINGER, 2020, p.246).

Durante 189 dias as edições dos telejornais compartilhados chegavam ao fim. O MG1 de Juiz de Fora voltava com notícias da Zona da Mata mineira e Campo das Vertentes. A edição do dia 28/09/2020<sup>7</sup>, entrava no ar diferente de outras edições. Na abertura da reportagem, as imagens de uma Juiz de Fora marcada pelo *lockdown* e um BG (efeito sonoro inserido simultaneamente a matéria) possibilitou que o telespectador resgatasse em suas memórias o que representou o confinamento por conta da Covid-19. Para a empresa de telejornalismo, diversas mudanças foram incorporadas para que a produção de notícias continuasse.

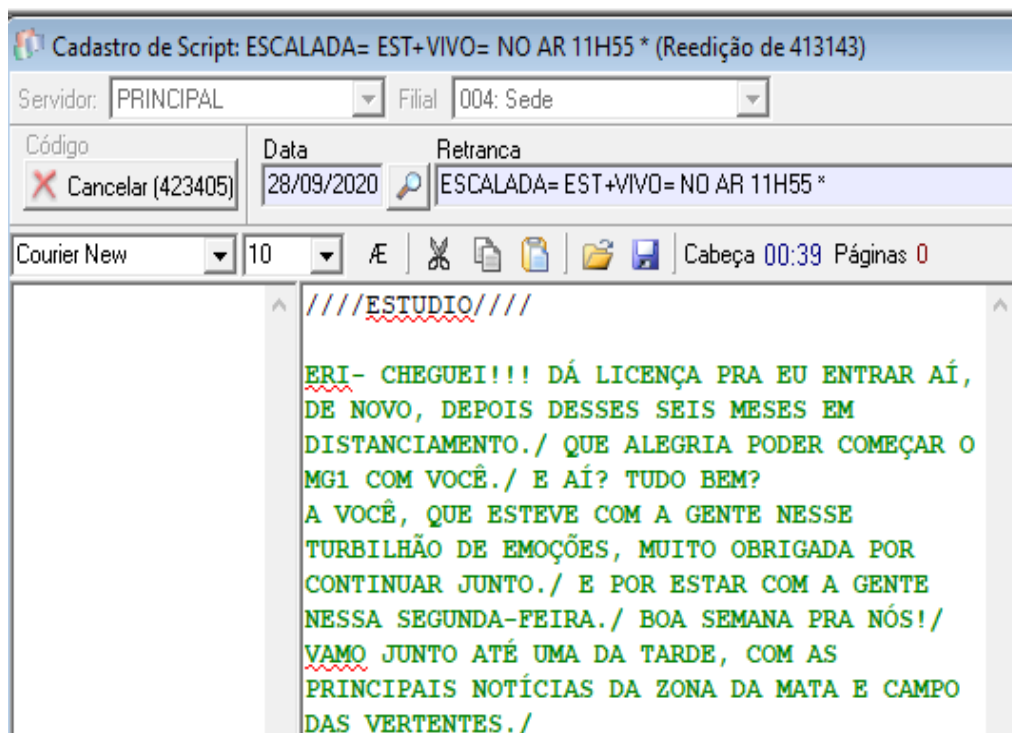
Diferentemente do habitual do início de um telejornal, a supressão do “boa tarde” do apresentador deu voz a uma matéria de 3 minutos e 43 segundos, contando o que mudou na rotina dos jornalistas. O trabalho home office, o jornal regionalizado com os colegas das outras praças da TV Integração, os novos rostos de repórteres de outras cidades, as fontes que passaram a nos enviar vídeos para as reportagens sem que tivéssemos algum tipo de contato fizeram parte da nova forma de produzir e fazer jornalismo.

Ao final da reportagem, a apresentadora Érica Salazar abre as portas do estúdio e diz que estava de volta, após aquele “*turbilhão de emoções*” (Figura 2).

---

<sup>7</sup><https://globoplay.globo.com/v/8893954/>

Figura 2: Script do telejornal do dia 28/09/2020



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Em um dos momentos que o número de pessoas hospitalizadas com coronavírus em Juiz de Fora diminuía pela segunda vez, a edição do MG1 Zona da Mata dia 26/04/2021<sup>8</sup>, encerrou com a notícia triste da morte de um colaborador com 20 anos de televisão, vítima da Covid-19. A voz embargada de choro da apresentadora Érica Salazar ao noticiar a perda não só do colega, mas do amigo, não foi possível evitar o choro.

A gente também quer encerrar essa edição, retribuindo esse carinho, essa amizade, alegria do nosso colega armando pernisa esbanjava enquanto estava entre nós. Nossa solidariedade à família do Armando, nosso desejo de uma passagem de paz e a certeza que ele vai estar sempre nos nossos corações, nas nossas melhores lembranças. valeu companheiro, valeu meu amigo. Você vai fazer muita falta (Fala da apresentadora Érica Salazar, disponível em <https://globoplay.globo.com/v/9465891/>)

<sup>8</sup> <https://globoplay.globo.com/v/9465891/>

A partir desses momentos de subjetivação do noticiário da TV Integração, durante a pandemia da Covid-19, busca-se observar diferentes situações em que a emoção dos jornalistas foi permitida em meio ao noticiário regional. Seguindo a metodologia de estudo de caso (Yin, 2001), foram abertas janelas de observação, como evidenciamos em três momentos relacionados com a pandemia (Tabela 1). Segundo Yin “o estudo de casos, como outras estratégias de pesquisa, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados” (YIN, 2001, p. 35), ou “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p.32).

A metodologia é uma estratégia procedente das ciências humanas que possibilita aprofundamento em relação ao objeto estudado de modo a identificar aspectos complexos de determinado fenômeno. Como fonte de pesquisa, utilizamos links disponíveis na plataforma Globo Play, repositório da TV Globo, que disponibiliza as edições dos telejornais e onde foi possível acessar o acervo da TV Integração, emissora afiliada da Rede Globo. Em resumo, o estudo de caso

permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores (YIN, 2001, p. 21).

A primeira matéria analisada, da benção de Corpus Christi foi um período em que o número de casos da doença estava muito alto e que foi necessária uma reformulação no jornalismo da empresa para que não fosse preciso interromper o trabalho jornalístico. Só neste dia, Minas Gerais havia registrado 431 mortes<sup>9</sup> pela doença.

Na segunda matéria, observamos um período pandêmico mais brando, com número de mortes por dia no estado menor que em outros dias (12 mortes<sup>10</sup>) e a última reportagem analisada, um novo aumento do número de mortes em Minas, com 96 óbitos<sup>11</sup> por dia, o que nos revela oscilações da doença. Dessa forma, podemos observar que, na volta do telejornal local, a doença de uma forma geral estava mais controlada.

A benção de Corpus Christi foi um dos momentos mais conturbados da doença, com número alto de mortes, o que nos possibilita dizer que havia uma sensibilidade mais externada por parte da equipe que cobriu a benção para as pessoas hospitalizadas e pedidos pelo fim da

---

<sup>9</sup>[https://www.saude.mg.gov.br/images/noticias\\_e\\_eventos/000\\_2020/Boletins\\_Corona/Boletim\\_Epidemiologico\\_COVID-19\\_11.06.2020.pdf](https://www.saude.mg.gov.br/images/noticias_e_eventos/000_2020/Boletins_Corona/Boletim_Epidemiologico_COVID-19_11.06.2020.pdf)




<sup>10</sup>[https://coronavirus.saude.mg.gov.br/images/boletim/09-setembro/Boletim-Epidemiologico\\_COVID-19\\_28.09.2020\\_ATUALIZADO\\_1.pdf](https://coronavirus.saude.mg.gov.br/images/boletim/09-setembro/Boletim-Epidemiologico_COVID-19_28.09.2020_ATUALIZADO_1.pdf)

<sup>11</sup> [https://coronavirus.saude.mg.gov.br/images/1\\_2021/04-abril/26.04.21COVID-19\\_-\\_BOLETIM.pdf](https://coronavirus.saude.mg.gov.br/images/1_2021/04-abril/26.04.21COVID-19_-_BOLETIM.pdf)



pandemia. Em Juiz de Fora, segundo o boletim epidemiológico da Prefeitura, 39<sup>12</sup> pessoas morreram com a doença.

Tabela 1 – Momentos de emoção e testemunho no MG1

Data	Retranca	Natureza	Tempo	Frame e Link
11/06/2020	Benção Corpus Christi Covid	Entradas ao vivo	26 min	 <a href="https://globoplay.globo.com/v/8619397/?s=0s">https://globoplay.globo.com/v/8619397/?s=0s</a>
28/09/2020	Retorno do MG1 Zona da Mata	Reportagem	3 min 43 seg	 <a href="https://globoplay.globo.com/v/8893954/">https://globoplay.globo.com/v/8893954/</a>
26/04/2021	Morte Colaborador TV	Nota/ Encerramento do jornal	2 min	 <a href="https://globoplay.globo.com/v/9465891/">https://globoplay.globo.com/v/9465891/</a>

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras, a partir de acesso às edições no Globoplay.

Em relação à matéria da volta do telejornal local, assistimos uma reportagem que faz o telespectador lembrar os momentos mais difíceis do *lockdown* e que seria possível superar toda aquela situação. O uso de imagens do distanciamento, cidade vazia, lojas fechadas, sons dramáticos e depoimentos dos jornalistas que mudaram suas rotinas, possibilitou uma narrativa mais sensível, que seria possível uma retomada da vida em geral.

Com mais de um ano e meio de pandemia, a terceira reportagem nos mostra que não seria possível seguir as recomendações de segurança contra a Covid e a apresentadora, ao narrar a morte de um colega de profissão, mostra um possível esgotamento emocional diante

<sup>12</sup> [https://covid19.pjf.mg.gov.br/arquivos/boletim\\_1106.pdf](https://covid19.pjf.mg.gov.br/arquivos/boletim_1106.pdf)

da

situação.

Se antes o jornalista se posicionava como observador da realidade, ele hoje parece perder lugar para um novo autor cada vez mais legitimado pela experiência. Ou seja, quanto mais tenha vivenciado a situação narrada, mais esse novo autor vai parecer autêntico aos olhos do leitor-espectador. E, atualmente, esse canal de comunicação é facilitado pelas redes sociais e smartphones, mecanismos que tornam possível e imediata a transmissão de experiências em qualquer lugar, a qualquer hora (GERK, BARBOSA, 2019, p.102).

A vivência dos jornalistas, imersos no contexto de risco e de morte, fica evidenciada nas diferentes fases da pandemia, em que a emoção dos profissionais, nos casos analisados, agrega informação ao que está sendo noticiado, por registrar uma emoção que acaba não sendo de uma só pessoa, que pode gerar efeito de um sentimento coletivo. Tal sentimento tem potencial de gerar um laço de pertencimento com a audiência, frente ao medo e à incerteza.

O telejornalismo local é capaz de produzir significado social e cultural, reproduzindo muitas vezes ações de outras instituições como escola, religião, família (COUTINHO, MARTINS, 2008, p. 02). As novas reconfigurações do telejornalismo (THOMÉ, PICCININ, REIS, 2020) trazem reflexões a respeito das novas práticas que surgem e estão constantemente em transformação, assim como verificamos no testemunho dos profissionais.

### **Considerações finais**

Desde o início da pandemia até agora, o telejornalismo incorporou novas práticas e modos de levar ao telespectador a informação. Por meio do testemunho, como foi apresentado a partir das falas dos colaboradores da empresa, o jornalista aproxima quem está do outro lado, possivelmente afetado com as emoções que já estavam mais intensas por conta de mais de dois anos de exposição à doença.

A partir do momento que o número de mortes avançava, o telejornal também precisou se adaptar às condições graves da Covid-19 por meio dos seus repórteres ou apresentadores, ou seja, em uma das fases com maior número de mortos em Minas Gerais, o MG1 Zona da Mata precisou ser regionalizado e na volta para o telejornal local, concluímos que os profissionais viveram um *“turbilhão de emoções”*.

Para os profissionais que estavam à frente da televisão foi uma mistura de sentimento profissional e pessoal. A partir do momento em que eles tinham apenas a alternativa de fazer um jornal compartilhado para evitar um colapso de pessoas doentes na emissora, o que de

fato modifica toda a vida, tal situação se funde com o sentimento de tristeza e insegurança pela

perda de algum ente querido, medo de contrair a doença ou mesmo pela insegurança econômica que o país se encontrava. Desta forma, o jornalista se coloca muitas vezes como testemunha da situação a qual ele noticia.

Nos casos apresentados neste artigo, observamos que as falas dos jornalistas estão envoltas de sentimento contido (por exemplo na benção do Corpus Christi), misto de contentamento na volta do telejornalismo local, depois de que seis meses de um jornal regionalizado e tristeza por parte da apresentadora do MG1 Zona da Mata ao ter que relatar a morte de um colega que tinha 20 anos de profissão. Todos esses apontamentos nos permitem dizer que durante esse período, somado às informações, tivemos as emoções dos profissionais associadas ao que se relatava.

## Referências

BECKER, B. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a Pandemia da Covid-19. **Revista Lumina** (UFJF), v. 15, n. 3, p.6- p.22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300/23823>. Acesso em: 12 jul. 2022.

COUTINHO, Iluska, PEREIRA, Ariane. A dor da gente agora sai no jornal – O discurso de poder na dramaturgia do telejornalismo. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska.

(Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 251-271.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. **Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público** . 2008.

Disponível em

<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf>. Último acesso em 28/03/2022.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. **Testemunhas de si mesmo: mudanças no jornalismo na era dos testemunhos**. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM, v. 3, n. 6, jul/dez 2019. Disponível em <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/118/109>. Último acesso em 20/07/2022.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. Editora: Senac. 2000.

MUSSE, Christina; THOMÉ, Cláudia. Telejornalismo e redes sociais: as narrativas do “eu” e a customização da notícia no “GloboNews em Pauta”. In: **Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Palhoça: SBPJor, 2016.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart.; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

SILVA, Edna de Mello. Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (org.). **Epistemologias do telejornalismo**

**brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2018.

THOMÉ, Cláudia. Emoção e testemunho no Jornal Nacional: estratégias narrativas nomês das 500 mil mortes pela Covid-19. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife-PE: Intercom, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/claudia-thome.pdf>. Acesso em: 10 jul 2022

THOMÉ, Cláudia; PICCININ, Fabiana; REIS, Marco Aurelio. Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 159-196.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In Alfredo Vizeu et al, **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008, 2008. Disponível em [https://www.academia.edu/385852/A\\_constru%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_real\\_no\\_telejornalismo\\_do\\_lugar\\_de\\_seguran%C3%A7a\\_ao\\_lugar\\_de\\_refer%C3%Aancia](https://www.academia.edu/385852/A_constru%C3%A7%C3%A3o_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguran%C3%A7a_ao_lugar_de_refer%C3%Aancia)

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. São Paulo: Ática, 1996.

YIN, Robert. **Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos** (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.